



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

DISCURSIVIDADES NOS QUADRINHOS NÃO-FICCIONAIS

Mayara Barbosa Tavares¹

PG/UFG

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

UFG

Resumo: O artigo é de cunho qualitativo, com método interpretativista e tem como objetivo a análise dos discursos materializados na história em quadrinhos não-ficcional intitulada *17 de junho*, produzida por Gabriel Bá, em 2013, e veiculada na internet. Os quadrinhos abordam a temática da manifestação ocorrida no Brasil em 17 de junho de 2013. A fundamentação teórica liga-se à Análise do Discurso de orientação francesa, com foco nas obras de Pêcheux (1990a; 1990b; 1999; 2006), levando em conta as noções de efeito de sentidos, condições de produção do discurso e outras. No transcorrer das análises dos discursos, formações discursivas e ideológicas materializadas na história em quadrinhos são elencadas e discutidas, com foco na construção dos efeitos de sentidos.

Palavras-chaves: Quadrinhos; discurso; formações discursivas e ideológicas.

Resumen: El artículo es de carácter cualitativo, con el método interpretativo y tiene como objetivo analizar los discursos materializados en los cómics de no ficción titulado *17 de junio*, producido por Gabriel Ba, en 2013, y transmitido en la internet. Los cómics enfocan el evento que tuvo lugar en Brasil en 17 de junio de 2013. El marco teórico se conecta con el análisis del discurso de orientación francesa, centrándose en las obras de Pêcheux (1990a; 1990b; 1999; 2006), teniendo en cuenta las nociones del efecto de sentidos, la producción del discurso y otras. En el curso del análisis del discurso, las formaciones discursivas e ideológicas se materializaron en los cómics están enumerados y analizados, se centra en la construcción de efectos de sentido.

Palabras-clave: Comics; discurso; formaciones discursivas e ideológicas.

Introdução

No Brasil são perceptíveis veiculações midiáticas que versam sobre variadas temáticas sócio-culturais, que visam, além do entretenimento, reflexões acerca dos discursos e das práticas que nos circundam. Dentre a imensidade de assuntos veiculados na mídia, optamos por analisar os discursos materializados na história em quadrinhos intitulada *17 de junho*³ produzida por Gabriel Bá, em 2013, anexada ao término do artigo.

¹ Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, bolsista da CAPES e membro do grupo de estudos Criarcontexto.

² Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás e coordenadora do grupo de estudos Criarcontexto.

³ Disponível em: http://10paezinhos.blog.uol.com.br/arch2013-06-01_2013-06-30.html. Acesso em: 18 ago. 2014.

A temática abordada na história em quadrinhos é de cunho não-ficcional e tem como foco as manifestações que aconteceram durante o mês de junho, em especial, a manifestação ocorrida em 17 de junho de 2013, em várias cidades brasileiras, que tinham como objetivo inicial protestar contra o aumento da passagem do transporte público e, em decorrência, outras reivindicações foram acrescidas, isto é, houve uma heterogeneidade de exigências por parte dos brasileiros presentes nas manifestações.

Dentre as pesquisas já realizadas com relação à temática, tem-se o trabalho de Viana (2011) que relaciona os quadrinhos e a política ao afirmar que os quadrinhos são produtos sociais e na sociedade contemporânea tudo carrega a marca da política, definida como toda forma de manifestação da luta de classes ou relações de poder. Há também o artigo de Pires (2006), no qual são analisados os quadrinhos “Fradim”, criados por Henfil, e nesse artigo há a constatação do esforço de resistência e a contribuição dos quadrinhos para a luta política contra a ditadura militar. Há ainda o artigo de Fernandes (2010), que problematiza, a partir dos elementos visuais, imagéticos, a construção das personagens ficcionais e não-ficcionais das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa.

A partir desse levantamento bibliográfico, podemos verificar, dentre as investigações acerca do assunto proposto, a inexistência de uma pesquisa que analise os discursos materializados na história em quadrinhos não-ficcional *17 de junho* de Gabriel Bá, e que possua como fundamentação teórica a Análise do Discurso de orientação francesa, com foco nas obras de Michel Pêcheux (1990a; 1990b; 1999; 2006) e as noções de efeito de sentidos, condições de produção do discurso e outras. Para a teorização das histórias em quadrinhos, são utilizadas as obras de Eisner (2001; 2005), com foco nos conceitos de arte sequencial e narrativa gráfica; de Ramos (2009), com as contribuições sobre a linguagem dos quadrinhos; dentre outros autores.

Optamos pela construção de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois, segundo Denzin e Lincoln (2006), trata de um campo interdisciplinar que atravessa as ciências humanas, sociais e físicas. A pesquisa qualitativa é concebida como um conjunto de atividades interpretativas, com foco multiparadigmático, que possibilita aos seus praticantes um compromisso com a perspectiva naturalista e com a compreensão interpretativa da experiência humana.

No processo da pesquisa qualitativa, "cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta que configura, em seu modo especial, os componentes multiculturais, marcados pelo gênero, do ato da pesquisa" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.32). Ou seja, as análises da história em quadrinhos, durante o processo de pesquisa, são embasadas nas teorias da Análise do Discurso de



orientação francesa, das histórias em quadrinhos e, também, são marcadas pelas experiências sócio-culturais e ideológicas individuais, o que confere aos estudos certa particularidade. Posicionamento esse que condiz com os postulados da Análise do Discurso (AD) referentes ao dispositivo teórico da interpretação, a teoria da AD, e ao dispositivo analítico que é, de acordo com Orlandi (2002), construído pelo analista do discurso, a cada análise, com base nas experiências individuais e/ou coletivas.

Para a realização das análises segundo o método interpretativista, é utilizada exclusivamente a metodologia de análise de documentos. Um documento, em consonância com Duffy (2008), é uma impressão deixada em um objeto físico, por um ser humano, como por exemplo, fotografias, textos, vídeos ou história em quadrinhos, sendo essa última o *corpus* para a pesquisa, definida como um tipo de documento de mídia, publicada em *sites*, via *internet* e/ou em revistas, gibis.

Na sequência adentrarmos nas concepções teóricas da Análise do Discurso, com foco nas noções problematizadas por Michel Pêcheux.

Análise Do Discurso

Para analisarmos os discursos materializados na história em quadrinhos *17 de junho* produzida por Gabriel Bá, em 2013, é necessário delinear alguns tópicos sobre a Análise do Discurso e definirmos o que é discurso.

Antes de iniciarmos, é válido ressaltar que a Análise do Discurso, praticada na França, possui similitudes e diferenças em relação à Análise do Discurso utilizada no Brasil atualmente. A AD Brasileira, segundo Gregolin (2008), surgiu em outro momento sócio-histórico, geográfico e institucional, e adquiriu outras características, problematizações e indagações. Portanto, a história que almejamos reconstituir possui pilares tanto na AD francesa quanto na denominada, por alguns autores, AD brasileira.

Iniciada no final da década de 1960, na França, a Análise do Discurso, segundo Malidier (2003), tem sua fundação em torno do linguista Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, os quais partilhavam convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social. Para tal objetivo político, a Linguística oferecia meios de abordagem do discurso político, devido à certa autonomia da linguagem e a cientificidade conferida aos estudos após o estruturalismo de vertente saussureana.

Ainda com intuitos políticos, Pêcheux, a partir das leituras das obras do filósofo Althusser, também se valeu da Linguística para demonstrar que as ideologias têm existência material, desse modo, “as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas” (PÊCHEUX, 2009, p.130). Em outros termos, a ideologia é vista nas práticas dos sujeitos.

Por conseguinte, se a ideologia é estudada enquanto prática, a língua, por meio da Linguística, se apresenta como o lugar privilegiado para a materialização da ideologia. Fato esse que caracteriza a afirmação feita por Mussalim (2001, p.105), segundo a qual, para Pêcheux, a Análise do Discurso se constitui por meio de “uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito”.

Destarte, em linhas gerais, no que tange à gênese da Análise do Discurso, encontramos sustentáculos, no que Pêcheux (2006, p.45) denomina como “o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure” como desafio intelectual, o que significa afirmar que a AD, com base nos respectivos autores supracitados na tríade, dialoga com a história, o sujeito e a língua, concepções delimitadas a seguir.

Com relação à noção de língua, é perceptível, de acordo com Teixeira (2000), que a AD, desde o seu surgimento, define-se como uma disciplina preocupada em considerar o que não foi destacado na abordagem saussureana (aquele que escuta, o sujeito e a exterioridade), ou seja, trazer elementos que permitam pensar a intervenção da exterioridade no objeto língua. Em outras palavras, a AD, diferentemente da perspectiva saussureana, objetiva relacionar os discursos com as relações sócio-históricas e ideológicas.

A Análise do Discurso entende que “a língua não é transparente” (POSSENTI, 2009, p.360), pois ao nos pronunciarmos, ao falarmos ou escrevermos, temos a ilusão de que o dizemos e/ou escrevemos terá um único sentido e o eventual interlocutor interpreta esses dizeres de maneira unívoca, o que não condiz com a realidade. Por isso, não há uma relação clara e uníssona entre a palavra e o mundo.

A língua é aberta à polissemia, à falha, às inúmeras interpretações e ao equívoco; ela serve, de acordo com Orlandi (2002), para comunicar e para não comunicar. Há, então, uma língua que se materializa oralmente ou na escrita, mas que também diz não dizendo, o que caracteriza os não-ditos, pois, muitas vezes, é possível compreendermos outros sentidos em determinados ditos.

No que tange à noção de língua apresentada, é válido ressaltar que “todo dizer é ideologicamente marcado” e “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2002, p.38).

Ideologia que admite equívocos, contradições e falhas, conforme assinala Pêcheux (2009) em suas retificações. Assim, a ideologia não é mais pensada como simples forma de dominação, mas como representações imaginárias que os sujeitos fazem de suas posições no mundo. Logo, tem-se a possibilidade de resistência, de lutar, de enfrentar e de ousar a pensar por si mesmo.

A partir da vertente psicanalítica lacaniana, por meio da releitura de Freud realizada por Lacan, há o deslocamento da noção de homem para a de sujeito, sujeito esse clivado, heterogêneo por sua relação com o outro, afetado pela não transparência da língua e da história e que funciona, com falhas, pelo inconsciente e pela ideologia.

Portanto, no que se refere à concepção de sujeito, para a Análise do Discurso, não há um sujeito intencional, mas sim um sujeito com a ilusão de ser intencional, o que remete aos esquecimentos, propostos por Pêcheux (2009, p.161-162) que resultam da ilusão de que o sujeito é origem do seu dizer, logo diz o que quiser (esquecimento nº1 – de ordem ideológica – o sujeito-falante não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina) e de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo, e, conseqüentemente, tem-se a ilusão de que há uma relação direta entre pensamento-linguagem-mundo (esquecimento nº2 – da ordem da enunciação – todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase).

Assim, Pêcheux (2009) propõe uma teoria não-subjetiva da subjetividade, isto é, o sujeito é constituído pela exterioridade discursiva, pelas ideologias, pelo mundo social. O sujeito não é o dono do seu dizer, e apesar de ser um sujeito cindido, heterogêneo, é constituído por e pelas ideologias e pelos esquecimentos. Esse jogo de ilusão é condição para a existência do sujeito, uma contradição necessária também para o funcionamento do discurso; é o que possibilita o posicionamento do sujeito a partir de valores ideológicos, políticos, sociais e outros. Conforme Pêcheux (2006), o sujeito encontra-se vestido da ilusão de que todo enunciado é logicamente estabilizado.

Por meio do materialismo histórico, tem-se a concepção de que o homem faz a história e que essa, também, não lhe é transparente, por conseguinte, temos a inserção do fator historicidade na teoria da Análise do Discurso, ou seja, ter-se-á a conjugação da língua com a história na produção de sentidos, pois o discurso, fruto da relação língua e história, faz sentido através de sua inserção na história.

A partir dos conceitos elencados – língua, sujeito e história – temos os postulados centrais para a compreensão do objeto de estudo da Análise do Discurso, o discurso, que é definido por Pêcheux (1990b, p.82) e Fernandes (2007), e compartilhado neste trabalho, como a palavra em movimento, fluído

e incompleto, como “efeito de sentidos” entre interlocutores, fruto das relações de linguagem entre os sujeitos e os sentidos, inseridos sócio-historicamente e ideologicamente em dadas situações. Em outros termos, para Pêcheux o discurso não é apenas transmissão de mensagem/informação, mecanismo esse que concebe a linguagem como meio de comunicação estanque, no qual um sujeito fala, depois o outro, não havendo a interação entre os interlocutores em um dado contexto.

Diante das assertivas expostas acerca da língua, do sujeito, da história e do discurso, é importante frisarmos que para analisar os discursos, na AD, é necessário sempre partir da materialidade linguística – um texto, um gênero do discurso – rumo à história, à exterioridade, às condições de produção do discurso.

As condições de produção do discurso definem-se, de acordo com Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2006), como o contexto sócio-histórico e ideológico, o contexto imediato (o aqui e o agora do dizer), a memória discursiva, o interdiscurso, as formações imaginárias, ideológicas e discursivas.

Inicialmente, no que se refere ao contexto, percebemos que tanto o contexto sócio-histórico e ideológico, quanto o contexto imediato ou situação são essenciais no processo de produção do efeito de sentidos, do discurso, pois, os acontecimentos históricos, sociais, culturais e as ideologias vigentes em um dado momento orientam na construção de sentidos, na análise dos discursos, que nos circundam cotidianamente.

No que tange ao conceito de memória discursiva, Pêcheux (1999, p.50) afirma que memória deve ser entendida “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”, ou seja, quando nos referimos à memória discursiva não estamos falando da memória que cada indivíduo tem, de suas lembranças particulares, mas sim de uma memória constituída no social, no histórico e no ideológico, com base na repetição e na regularidade, que restabelece os implícitos, os pré-construídos, os estereótipos, os elementos relatados e citados, os discursos transversos, dentre outros. De acordo com Milanez (2006), o discurso remete à existência de uma memória discursiva, que envia questões familiares relativas ao que lembramos, à maneira como nos lembramos das coisas e o que convém ou não ser dito, a partir de uma dada posição.

Já a noção de interdiscurso se refere à relação de um discurso com outros discursos, dentro da memória discursiva. É válido ressaltar que a nomenclatura interdiscurso, é introduzida para designar “o

exterior específico” de uma formação discursiva, noção utilizada por Pêcheux, a qual é tomada de empréstimo a Michel Foucault.

Contudo, apesar de Pêcheux utilizar o termo formação discursiva (FD), o autor o adapta às suas concepções teóricas, em especial, à de discurso – efeito de sentidos entre interlocutores – e a define ao afirmar que a FD “não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1990a, p.314), portanto a FD autoriza o que pode e deve ser dito em um dado momento sócio-histórico e ideológico.

Na concepção pecheutiana (PÊCHEUX, 2009), tem-se a imbricação entre as formações discursivas e as formações ideológicas (FIs), que são caracterizadas como um conjunto complexo de representações e ações que dizem respeito às práticas de classes. Conforme Fernandes (2007), é segundo as posições dos sujeitos que os sentidos se manifestam, em relação às formações ideológicas em que as posições se inscrevem. Há então a relação entre a construção do efeito de sentidos, os sujeitos, a história e a ideologia.

Em resumo, as condições de produção do discurso são os aspectos históricos, sociais e ideológicos que norteiam os discursos, os efeitos de sentidos entre interlocutores, são compostas pelos contextos sócio-histórico, ideológico e imediato; pela memória discursiva que se refere à memória social e não individual, que remete aos discursos pré-construídos; pelo interdiscurso, que se encontra correlacionado às formações discursivas, ideológicas e, também, imaginárias, sendo esta caracterizada por Pêcheux (1990b), como jogos de imagens que o interlocutor faz de si, do outro e do objeto a que se refere no processo de produção do discurso, isto é, um conjunto de valores/imagens sócio-ideologicamente construídos.

No próximo tópico, refletimos acerca dos discursos materializados na história em quadrinhos *17 de junho*, de Gabriel Bá.

17 De Junho: Discursos Sobre A Manifestação

No que tange às condições de produção da história em quadrinhos *17 de junho*, produzida por Gabriel Bá, em 2013, especificamente, ao contexto sócio-histórico e imediato, é sabido que a maioria da população brasileira, desde a ditadura militar, não realizava manifestações com grande alcance popular,

isto é, com alcance de um grande número de participantes em variadas cidades. Por isso, a manifestação ocorrida em 17 de junho de 2013 ganhou notoriedade, em especial, nas redes sociais, por conta da alta adesão de brasileiros ao movimento, cujo foco inicial era protestar contra o aumento da passagem de transporte coletivo e, posteriormente, múltiplas reivindicações foram contempladas – direitos iguais, fim da corrupção, melhorias na saúde, na educação, dentre outras.

A história em quadrinhos é composta por quatro páginas, que abordam a temática da manifestação ocorrida em 17 de junho de 2013, no Brasil. Não há uma descrição prévia do personagem/narrador da HQ, mas, é observável, a partir dos discursos materializados, que se trata de um personagem patriota que fala em primeira pessoa. O uso da primeira pessoa objetiva levar o leitor a uma identificação com o personagem, com o amor patriótico e com o espírito de manifestante, explicitado nos quadrinhos.

No primeiro quadrinho temos o seguinte enunciado: *Eu amo o Brasil. Mesmo com toda corrupção e ignorância, eu não o trocaria por nenhum outro país do mundo. É o meu país.* É possível analisarmos a construção de imagens e de múltiplos discursos acerca do que é o Brasil: imagem de um país permeado por corrupções e ignorâncias em diversos âmbitos – político, social, profissional e outros –, mas que ainda desperta sentimentos positivos de amor à pátria e de permanência e valorização da terra natal. Há então, a formação discursiva do país Brasil atravessada por variadas formações ideológicas – FI do país com problemas da ordem da corrupção e da ignorância e a FI do país bom para se viver apesar dos problemas –, construções essas viabilizadas pelo jogo de imagens acerca do que é o país Brasil e como ele poderia/deveria ser. Há relações entre os discursos da esperança de que o Brasil é o país do futuro, o qual é amado pelos brasileiros, e a contraposição discursiva de que esse futuro nunca chega, por isso, vivemos ainda imersos na corrupção e na ignorância.

No quadrinho seguinte, há um afunilamento, o foco é a cidade de São Paulo. O sujeito enuncia *Eu adoro São Paulo. Mesmo com o custo de vida, o trânsito, a desigualdade, a violência, eu não me imagino morando em outro lugar. É a minha cidade.* Temos novamente o jogo de imagens que constroem discursivamente a cidade de São Paulo como uma cidade que tem os gastos econômicos elevados, o trânsito caótico, a má distribuição de riquezas, a criminalidade, mas, é o local de moradia do sujeito. Assim, tem-se um sentido metonímico do todo à parte, a repetição do discurso patriótico direcionado à maior e mais problemática cidade brasileira. Há a formação discursiva da cidade de São Paulo constitutivamente atravessada pelas formações ideológicas da cidade perigosa, injusta e insegura

e, ao mesmo tempo, uma cidade que desperta sentimentos de pertencimento, de permanência, de lugar bom para viver.

Assim, a partir de um acontecimento discursivo – a manifestação – vários discursos, vários efeitos de sentidos entre interlocutores, são construídos, e encontram-se inseridos em dado contexto sócio-histórico e ideológico – a sociedade brasileira contemporânea –, fato que possibilita o que se pode/deve dizer em um dado momento correlacionado aos valores ideológicos. Somam-se também as formações imaginárias do que é/deveria ser o Brasil, do que é/deveria ser a cidade de São Paulo, relacionada à nossa memória discursiva, isto é, a memória constituída no social, no histórico e no ideológico, com base na repetição e na regularidade, que restabelece os implícitos, os pré-construídos, os estereótipos, os elementos relatados e citados, os discursos transversos acerca do que é o país Brasil e a cidade de São Paulo: lugares que despertam sentimentos contraditórios, desperta medo, insegurança, desgosto, mas também desperta amor, orgulho, felicidade. O que demonstra o quanto o sujeito é cindido, heterogêneo e, por vezes, contraditório, logo, o discurso também é heterogêneo e contraditório.

Nos quadrinhos seguintes, têm-se explicitado que *Frente a tantos problemas, injustiças, a vergonha, como muitos brasileiros, eu também tenha raiva e vontade de explodir o governo...mas nunca fui de reclamar, de protestar. Sempre tentei mudar o mundo com palavras, imagens. Com ideias. Contando histórias.* Há materializado o posicionamento do sujeito enunciador em relação às atitudes governamentais e às suas próprias ações enquanto cidadão. E esse posicionamento possui valores ideológicos contraditórios, pois, por um lado o sujeito “quer” explodir o governo, atitude agressiva, por outro, ele quer mudar o mundo com o uso de palavras e imagens, com HQs, atitude amena. Destarte, na fala do sujeito tem-se materializada a contradição necessária para a sua própria constituição e para o funcionamento do discurso, que possibilita o posicionamento do sujeito a partir de valores ideológicos variados e, por vezes, contraditórios. Observamos que há a busca de uma aproximação com o leitor da HQ, que atua da mesma forma: quer mudar o mundo, mas não busca a manifestação coletiva, isto é, com o leitor que se manifesta individualmente, que se embasa no discurso de que se cada um fizer a sua parte tudo mudará.

No transcorrer da HQ, o sujeito enuncia que *Eu não conto histórias pra dizer como as coisas são, mas pra olhar pro mundo e tentar entendê-lo. Histórias que eu acredito que precisam ser contadas e que ninguém está contando.* É perceptível que o sujeito é constituído por discursos que retomam a necessidade de compreender o mundo e de contribuir para que outras pessoas também o compreendam,

por isso, o sujeito enunciador conta histórias que considera importantes para a sociedade brasileira. Para tanto, ele se vale do que pode e deve ser dito em dadas condições de produção, algumas histórias serão ditas e outras não, a partir de dado posicionamento ideológico. Novamente, o enunciador busca a aproximação com o interlocutor que age da mesma forma, o qual se opõe à realidade das injustiças e da corrupção, que quer apontar as contradições entre os ditos e a violência, entre os ditos e as imagens.

Na terceira página da HQ tem-se materializado *Mas, e se não me deixassem contar minhas histórias? E se dissessem quais histórias eu posso contar... e quais eu não posso*, que dialoga com as imagens da polícia, da tropa de choque, dos disparos de arma de fogo com balas de borracha. Há a retomada de discursos que fazem parte da nossa memória discursiva sobre o que/como é protestar no Brasil, ato que envolve, em alguns casos, o confronto com o estado/polícia, em censura e retaliações por parte da polícia, fato que se relaciona com o discurso do silenciamento da ditadura militar, de silenciar os cidadãos que são contrários aos ditames políticos e militares. Segundo o sujeito enunciador há histórias que podem e devem ser ditas e outras não, isto é, há formações discursivas que autorizam o que pode e deve ser dito em dado momento: FD da democracia, que possibilita, dentre muitos aspectos, a liberdade de expressão das idéias, as manifestações e outros, e a FD da repressão, embasada na censura, nas retaliações contra atos não desejados pelo governo, por um dado segmento da sociedade e outros.

Num contexto social mais amplo, podemos analisar as escolhas lexicais materializadas nos discursos que se dão em torno dos protestos no Brasil: quem condena essa prática, usa termos como vandalismo, associado ao crime, à libertinagem. Já quem aceita e apóia, usa termos como protesto, manifestação, reivindicação, associados aos direitos sociais, à liberdade de expressão. Assim, os sujeitos e os discursos filiam-se a dadas formações discursivas e ideológicas e essas filiações implicam em dadas escolhas lexicais e não outras. No caso em análise, o sujeito enunciador, apesar da contradição inerente ao sujeito, posiciona-se a favor dos protestos e das manifestações brasileiras.

Em outras palavras, as escolhas lexicais materializam os valores ideológicos que perpassam a trama discursiva da HQ: as manifestações são uma forma de protesto, de reclamação, um direito do cidadão e não ato de vandalismo, de confusão, de briga. O realça a crítica da mídia acerca de ações violentas durante as manifestações brasileiras ocorridas em 2013, isto é, o cidadão tem o direito de manifestar, mas não de desrespeitar a individualidade alheia. Entretanto, é válido acrescentar, segundo Maldidier (1994), que não são as palavras, mas a distribuição das palavras no texto que implica um

modelo ideológico subjacente, ou seja, é a distribuição das palavras durante a tessitura da HQ que implica em dado valor ideológico.

Nos quadrinhos finais, temos a imagem da multidão que participa dos protestos e o sujeito enunciador afirma: *Eu preciso contar essa história, mas não pode ser só pelo olhar dos outros. Eu preciso ver tudo com os meus próprios olhos. Chega! Dia 17 de junho eu vou pra rua pra contar a minha história... e para defender o direito das pessoas contarem as delas.* Há a materialização de relações interdiscursivas referentes à necessidade de a população participar ativamente nos protestos, de defender e reivindicar seus direitos, enfim, de assumir uma atitude ativa e agir de forma crítica e consciente. Logo, como todo dizer é ideologicamente marcado e é na língua que a ideologia se materializa (ORLANDI, 2002), tem-se a formação discursiva da manifestação que é constituída por formações ideológicas que preconizam a resistência, a luta, o protesto; que almeja que o sujeito ouse a pensar por si mesmo (PÊCHEUX, 2009) e que aja criticamente contra injustiças, desigualdades, censuras e outros.

Em outros termos, a construção da HQ busca esclarecer que os problemas elencados durante a tessitura da HQ tocam a cada um de nós, brasileiros, logo, os quadrinhos visam estimular a população a manifestar-se, a agir, a resistir e, em consequência, preconiza o que é/deveria ser o sujeito: manifestante que reivindica os direitos e dos outros também.

No que tange à elaboração da história em quadrinhos, podemos nos indagar sobre o porquê do uso desse gênero para a abordagem de dado assunto não-ficcional – a manifestação popular de 17 de junho de 2013.

É possível verificarmos que a escolha do gênero história em quadrinhos para tratar da temática não ficcional é relativamente recente. Há algum tempo, as temáticas não-ficcionais eram destinadas a outros gêneros do discurso, como o artigo científico, o artigo de opinião, dentre outros, nos quais prevalecem, predominantemente, o uso da linguagem verbal e formal. Gêneros esses que foram consagrados, ao longo de vários anos, como adequados para a veiculação de assuntos não-ficcionais e considerados sérios pela sociedade.

Assim, podemos pensar que a escolha da história em quadrinhos, para a abordagem de assuntos não-ficcionais e considerados sérios pela atual sociedade – manifestação brasileira –, tem como objetivo inicial facilitar a compreensão de dados efeitos de sentido por parte do interlocutor/leitor da história, pois, o gênero HQ ao somar linguagem verbal e não verbal facilita a compreensão de dados efeitos de



sentidos, devido à leitura mais ágil e estimulante. Tem-se o uso das HQs como forma de convencer a população a participar das manifestações.

Ao veicular temáticas de cunho político-social com o auxílio das histórias em quadrinhos, é perceptível uma tentativa de expor didaticamente assuntos de extrema importância social, os quais, por vezes, podem ser pouco ou não compreendidos pelos leitores, pelos cidadãos. Tem-se a formação imaginária do autor sobre um leitor com pouco gosto pela leitura ou com baixa compreensão de textos verbais mais complexos.

Há então um novo uso do gênero história em quadrinhos, escolha que demonstra, a nosso ver, uma estratégia de envolvimento do leitor e uma certa quebra no preconceito com relação aos quadrinhos, que foram concebidos negativamente, ao longo de décadas, como cultura de massa, e por isso, excluída de diversos âmbitos sociais. Fato que ocasiona uma aceitação crescente do gênero por grande parte da sociedade e demonstra também a possibilidade de o gênero autorizar o pode/deve ser dito acerca de dados assuntos não-ficcionais, por exemplo, as manifestações brasileiras.

Considerações Finais

A partir do acontecimento discursivo, a manifestação brasileira de 17 de junho de 2013, analisamos variados discursos materializados na história em quadrinhos. Discursos sobre o que é/deveria ser o país, sobre o que é/deveria ser a cidade de São Paulo, as desigualdades sociais, as injustiças, a violência, a corrupção, e ao mesmo tempo, o sentimento de amor, de permanência, sobre o que é/deveria ser o posicionamento do cidadão consciente e patriota, que pode/deve participar das manifestações brasileiras. Assim, há relações interdiscursivas que, por vezes, estão em conformidade e, em outras, em oposição.

Observamos também as relações entre as formações discursivas e ideológicas materializadas na HQ: FD da democracia constituída pelas formações ideológicas da liberdade de expressão, da luta/defesa dos direitos sociais e outras; FD da repressão atravessada pelas formações ideológicas do estado/polícia repressores, retaliações dos direitos, dentre outras.

Essa heterogeneidade de discursos corrobora na constituição do sujeito, que é heterogêneo, por sua constante relação com o outro, é contraditório, por conta da pluralidade de vozes que constituem seu dizer.



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

Esperamos que a temática abordada em nossa pesquisa, embasada nas obras de Pêcheux e de outros autores, possibilite debates variados em caráter acadêmico e escolar acerca dos discursos materializados em histórias em quadrinhos não-ficcionais.

Referências Bibliográficas

BLOG DO FÁBIO MOON E DO GABRIEL BÁ. *17 de junho*. Disponível em: http://10paezinhos.blog.uol.com.br/arch2013-06-01_2013-06-30.html. Acesso em: 18 ago. 2014.

CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Traduzido por Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUFFY, B. Análise de evidências documentais. In: BELL, J. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Trad. Magda F. Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.107-117.

EISNER, W. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EISNER, W. *Narrativas gráficas*. Trad. Leonardo Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNANDES, C. A. *Maurício de Sousa: construção de personagens de ficção x construção de personagens de não-ficção*. Revista praxis – ano II, nº4, 2010. Disponível em: <http://www.foa.org.br/praxis/numeros/04/41.pdf>. Acesso em: 27 out. 2012.



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

GREGOLIN, M. R. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, P. (org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008. p.23-36.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, D. O discurso político e a guerra da Argélia. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Trad. Bethania S. C. Mariani [et al.]. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. p.145-160.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, interconicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (org.) *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p.153-179.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. (org.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras – vol. 2*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 131-142.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. e LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.) *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp, 1990a. p. 311-318.



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990b. p. 75-87.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD (et al.). *Papel da Memória*. Trad. J.H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p.49-57.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

PIRES, M.C.F. *Cultura e política nos quadrinhos de Henfil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/04.pdf>. Acesso em 28 ago. 2012.

POSSENTI, S. Teorias do discurso: Um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. (org.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos* – vol. 3, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 353-388.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (org.) *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VERGUEIRO, W. Prefácio. In: NETO, E.S.; SILVA, M.R.P. (org.). *Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2011. p.7-9.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

VIANA, N. *Quadrinhos e política*. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/viana-nildo-quadrinhos-e-politica.pdf>. Acesso em: 28 ago.2012.

ANEXOS

17 DE JUNHO

POR GABRIEL BA





